



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR**

EVANITA DOS SANTOS SILVA

**A IMPORTÂNCIA DE “DESCAROÇAR” AS MEMÓRIAS DE VIDA PARA A
FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Rio de Janeiro

2022

EVANITA DOS SANTOS SILVA

**A IMPORTÂNCIA DE “DESCAROÇAR” AS MEMÓRIAS DE VIDA PARA A
FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Professora Dr^a.Cristina Laclette Porto

Rio de Janeiro

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S5861i Silva, Evanita dos Santos

A importância de “descaroçar” as memórias de vida para a formação de uma professora de educação infantil / Evanita dos Santos Silva.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2022.–
37 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2022. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Professora Doutora Cristina Laclette Porto

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. História de vida. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, de de 2022.

EVANITA DOS SANTOS SILVA

EVANITA DOS SANTOS SILVA

**A IMPORTÂNCIA DE “DESCAROÇAR” AS MEMÓRIAS DE VIDA PARA A
FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

ORIENTADOR

Professora Doutora Cristina Laclette Porto

LEITOR

Professor(a)

Rio de Janeiro

2022

Dedico este trabalho monográfico aos meus pais, Jovina e José Paulo, meus genitores que investiram em mim por anos, enquanto estiveram presentes aqui na terra; ao meu esposo, Marco Antônio, meu grande apoiador e companheiro nas minhas decisões e que sempre acredita no meu potencial como profissional, e ao meu filho, Ângelo, a quem tenho um amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar pois é somente por sua bondade e obra que eu estou aqui, por me conceder a graça de poder estar aqui e que em meio a tantos desafios sempre me sustentou e fortaleceu em mim o desejo de continuar firme no propósito.

Agradeço a meus pais (in memoriam) José Paulo e Jovina. Foram dois apoiadores nos meus estudos dos anos iniciais até minha formação no 2º grau, lembro de uma frase que minha mãe sempre falava “ O estudo é a maior riqueza que uma pessoa pode ter, quem quiser estudar eu vou fazer de tudo pra ajudar, não tenho riqueza pra deixar pra ninguém mais nos estudos eu ajudo”.

Agradeço ao meu esposo Marco Antônio que é meu maior apoiador, pessoa que me respeita e abraça meus sonhos, acredita no meu potencial, me incentiva e me diz que sou capaz de muito mais, respeitando as minhas decisões e profissão, que estendeu sua mão e juntos formamos uma família.

Ao meu filho Ângelo, filho incrível, inteligente e parceiro, pessoa que respeita meu tempo de estudo e me incentiva a crescer profissionalmente.

Aos meus irmãos, aqueles que se encontram presentes aqui na terra ou os que já partiram para outro plano mas que acredito estarem torcendo por minha vitória.

Agradeço à minha avó Benta (in memoriam), sabia ler pouco mas tinha uma inteligência fora do normal, parecia que sabia prevê o futuro quando falava que ia chegar um tempo onde “ Quem não sabia ler e escrever, não ia poder comprar uma caixa de fósforo”, pessoa que muito me incentivou nos estudos.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas e a Nayara minha sobrinha com quem mais compartilho de minha profissão e de minha vida acadêmica, uma forte incentivadora nos meus estudos.

Agradeço a minha professora Dr^a.Cristina Laclette Porto, professora e orientadora, uma pessoa de alma linda, professora incrível, paciente, amante das fotografias, que fala com carinho, parece estar sempre escolhendo as palavras certas para falar, simplicidade e inteligência marcam a pessoa que é.

Agradeço à turma 2019, que desde o início estivemos sempre juntos no presencial ou no virtual, em todos os momentos nos apoiamos colaborando para que todos pudessem atingir os objetivos juntos. Através das aulas com a professora Heloisa Protásio com a disciplina de Introdução à Psicopedagogia I e II, passamos da condição de amontoado de pessoas para um grupo onde ninguém solta a mão de ninguém.

Por fim não poderia deixar de agradecer ao Pró-Saber e toda equipe que me recebeu de braços abertos nestes últimos anos, as professoras em sala de aula, o porteiro, a secretária, coordenação, direção e todos que se empenham para oferecer um ensino de qualidade, Pró-Saber é lugar de acolhida, divisor de água, lugar de formação e de acolhida, de encontros e risos onde a arte se encontra em cada tijolo, tinta, livros, obras espalhadas pela Faculdade.

A arte está na biblioteca em cada livro, em cada cantinho que olho lá está a arte, no barulho das pedrinhas que piso no pátio, nas cadeiras e mesas, nas falas e escritas dos alunos e professores. Pró-Saber é lugar onde as pessoas aprendem a se descobrir, aprendem a se valorizar de juntar o passado e o presente e juntos fazerem história.

Poder voltar atrás, lembrar, atizar as lembranças, apropriar-se de fatos, relações guardadas e adormecidas, possibilita um re-ler e re-escrever o próprio processo de aprendizagem, localizando-o num tempo histórico com seus desafios. Voltar ao passado com os olhos do presente. Ver o presente com o olhar do passado para nos apropriarmos do que defendemos hoje na construção do futuro que acreditamos. (FREIRE, M., 2008, p. 54).

RESUMO

Trago nesta monografia a importância que foi “descaroçar” minha história para valorizar minha cultura e para compreender a pessoa que sou. No Curso Normal Superior de Educação do Pró-Saber, minha identidade de professora da Educação Infantil se fortaleceu, ao me redescobrir e reconhecer a minha potência. Para isso, os instrumentos metodológicos propostos por Madalena Freire revelaram-se fundamentais na sustentação para uma prática de educação democrática. A chama foi acesa e modificou o meu olhar para a vida e para as crianças com as quais trabalho. Como educanda e educadora, me sinto inspirada por esse modelo e pretendo ser mais uma a contribuir para a constelação de experiências transformadoras.

Palavras-Chave: Memória. Histórias de vida. Educação infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 UMA PROFESSORA BAIANA QUE DESCOBRIU O PRÓ-SABER	13
1.1 Sobre o registro	14
2 ENFRENTANDO OS MEDOS	20
2.1 Constatações e reconstruções	20
2.2 Uma pandemia no meio do caminho	22
2.3 Nós desatados	24
3 ENTRE GUARDAR E PUBLICAR	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

Certo dia, estava navegando no *Facebook*, quando vi que uma amiga, moradora do Borel, havia curtido uma página que eu não conhecia. O nome dela é Valéria. Imediatamente, abri e encontrei a chamada para um processo seletivo; curti a página e passei a acompanhá-la, esperando pelo dia da inscrição. Na data marcada, preparei meus documentos e fui trabalhar, já com a intenção de sair de lá e ir direto até o local indicado.

Como não conhecia o endereço, ao chegar na estação do Metrô de Botafogo, segui pedindo orientação aos passantes; peguei o ônibus de integração do Metrô e desci no ponto indicado. Entrei e já fui logo me informando. Recebi a ficha de inscrição, preenchi; emprestei a minha caneta para a colega Keren; entreguei a ficha e fui embora, aguardando a data da prova.

No dia marcado, fui, fiz a prova, passei na primeira etapa, escrevi meu memorial, cheguei cedo para a entrevista e aguardei ser chamada. Fui entrevistada pelas professoras Heloísa Protásio e Cláudia Sabino.

Durante a leitura do meu memorial, fui interrompida por Cláudia, que confirmou algumas informações sobre as quais ela tinha conhecimento, relacionadas à Fundação Dr. Marcello Cândia, Borel e Valéria. Descobrimos, então, que tínhamos coisas em comum. A entrevista foi como uma conversa entre pessoas que já se conheciam. Ao final, até tiramos uma fotografia.

Fig. 01 – Dia da entrevista



Fotografia tirada por Heloisa Protásio, Sala das Borboletas, Pró-Saber, 11/06/2019

Até topar com ele nas redes sociais, eu não conhecia o Instituto Superior de Educação Pró-Saber - ISEPS, mas fiquei logo curiosa. Cheguei lá com muitas expectativas sobre o curso, mas não sabia nada a respeito da formação nem da didática adotada e pensei que seria muito difícil ser aprovada.

Trabalhava com a Educação Infantil, mas sentia que precisava de uma formação que me aproximasse mais do que fazia. Tinha a prática, mas a teoria atualizada com os conteúdos para a Educação Infantil ainda me faltava. Como não conhecia o Curso Normal Superior com Habilitação em Educação Infantil, o meu interesse criou mais vida e se concretizou, quando passei nas etapas de seleção. Nesta monografia, vou narrar todo o processo.

No último semestre, o grupo da turma 2019, do qual faço parte, mergulhou em um intenso processo de escavação, e passou a olhar seu presente, ao mesmo tempo, em que buscava, no passado, as vivências, as partilhas e os registros, que são o ouro do aprendizado e as conquistas realizadas ao longo dos três anos de estudo.

Poder nos localizar num tempo e encontrar aquela história que não valorizamos quando aconteceu ou a produção singular que não notamos, foi muito interessante. Vejo que essa escavação movimentou minhas memórias e tomei consciência do quanto vivi sem nem ter me dado conta. Lembramos que desde o início do curso fomos orientados a guardar tudo para poder rememorar no futuro, produzir escritas ou registros criativos e elaborar nossa monografia. O futuro chegou.

No começo, lembro que não encontrava explicação para escrever as sínteses das aulas. Esse processo se estendeu por muito tempo, até que fui me localizando na escrita, apurando o que ouvia e via, fazendo o registro corrido da aula. Hoje, quando escrevo uma síntese ou ouço a síntese feita por um colega, me vem à memória as bordas coloridas das folhas do caderno, o tamanho, a quantidade... Antes, ao ser convidada para ler em voz alta, o medo imperava e o coração acelerava.

Essas lembranças parecem bobas, mas ficaram guardadas na minha caixinha de memórias e cada história faz com que eu me lembre de outra. Vejo também muitos colegas se emocionarem com suas memórias e com a falta que sentem de pessoas que os fizeram chegar até aqui.

Às vezes, me acho até chata por lembrar de causos, fatos pessoais e por querer contá-los. Parece repetitivo, mas minha vida de criança foi carregada de muitas histórias e aventuras. A falta de noção do perigo me encheu de conhecimentos. Eu era feliz e não sabia.

Agora, tenho a felicidade de poder lembrar e acreditar que a minha infância foi meu ouro. Aos poucos fomos sendo transformados e a escrita da síntese não era mais apenas um registro corrido e sim uma reflexão do que vimos e ouvimos. As lembranças registradas no papel tornaram-se memória.

Já dizia Ecléa Bosi (1994, p. 55), que “memória é trabalho”. E quem disse que as memórias precisam acontecer ou aparecer numa ordem cronológica? Quem disse que a escrita tem que acontecer de forma linear? Quem disse que os livros precisam ser lidos numa sequência? Eles podem ter paginação, mas você é livre para escolher a forma como vai ler.

Exemplo disso foi o que testemunhamos em uma aula de Alfabetização Cultural, disciplina que atravessa o curso do começo ao fim, a Professora Melissa Lamego lançou uma proposta muito bem-vinda. Numa sala com iluminação adequada, ela colocou um livro, chamado “Descaroço” de Gil Maulin (ano), sobre uma grande mesa de madeira, para a apreciação de todos.

Fig. 02 – Capa do livro

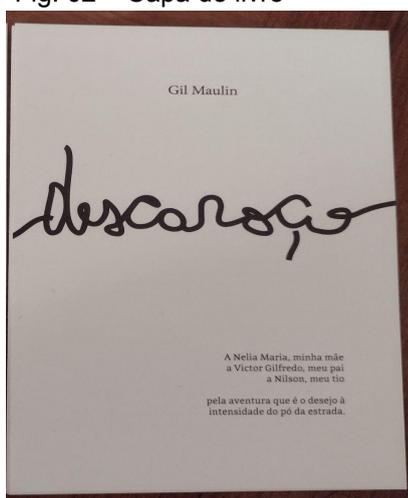


Fig.03 – Turma descaroçando o Descaroço



Fotografias de Evanita dos Santos Silva

Cada um escolheu a página do livro que queria ver e foi incrível! As imagens, que por si só já eram uma poesia, iam se encaixando nos poemas.

Lembrei de meu filho no colégio, quando os livros trouxeram uma proposta diferente e tivemos que nos adaptar aos conteúdos que não tinham uma sequência, estavam no meio, no início ou no fim do livro, sem abrir mão do objetivo pedagógico.

Ao final dessa formação, vejo que logo eu, que sabia que descaroçar era tirar o caroço ou semente de uma fruta ou legume, aprendi a "descaroçar" de forma diferente. Foi uma surpresa ver, com outros olhos, o "Descaroçar" de Gil Maulin, que trouxe criativamente os poemas e as artes "descaroçados".

Nesta monografia, também vou "descaroçar" minhas memórias e ressignificar minha vida e minha formação como professora de Educação Infantil. No primeiro capítulo, trago algumas experiências que me constituíram e que me fizeram chegar até aqui. Saber que o passado fez parte da vida presente me serviu como aprendizado, desde que percebi que sempre é possível revisitá-lo. Nesse processo, o passado, como um diamante bruto, foi sendo lapidado até que reconheci seu valor inestimável. A presença da família foi como ouro para a minha formação como pessoa humana.

No capítulo dois, me dedico mais à formação neste curso e o enfrentamento dos medos, pois reconhecer que o passado não pode ser mudado, é assustador. Porém, descobrir que o futuro pode tomar outra direção é libertador para sabermos que é possível tomar as próprias decisões e não paralisar.

No capítulo três, mostro que a falta de conhecimentos e os deslizes que aqueles educadores cometeram comigo não podem mais me paralisar, pois, a cada vez que mergulhei nas leituras, aprendi a descaroçar essas experiências e a respeitar quem me alfabetizou, pois reconheci que fizeram o possível com aquilo que sabiam.

Atualmente, meu olhar para a Educação Infantil é diferente e ainda mais sensível.

1 UMA PROFESSORA BAIANA QUE DESCOBRIU O PRÓ-SABER

Estou sempre olhando para frente, visualizando o futuro. O que vivi no passado serve como inspiração. Não olho para o passado para lamentar, mas para buscar o diamante do aprendizado e lapidá-lo a cada dia, reconhecendo todos que contribuíram ou vem contribuindo para o meu crescimento. Eles são parte de mim e foi necessário passar por cada etapa para tomar consciência disso. Se assim não tivesse acontecido, certamente não teria tantas histórias para contar. Como diz Ecléa Bosi (2012, p. 199): “[...] os pesquisadores devem ter consciência de que uma história de vida que nós escutamos não é feita para ser arquivada ou guardada em uma gaveta como coisa, existe para transformar a cidade onde ela floresceu”.

Quando eu era muito pequena, sempre ouvia uma frase de minha avó, Benta Maria de Jesus (in memoria): "Quem não sabe ler nem escrever, vai chegar tempo que não vai poder comprar uma caixa de fósforo". Já minha mãe, Jovina Lobilina dos Santos (in memoria), sempre falava: "O estudo é a maior riqueza de uma pessoa. Quem quiser aprender a ler e escrever, eu vou fazer o possível para ajudar". Tanto minha avó quanto minha mãe foram grandes inspirações em minha vida. Hoje, depois de muitos anos, sou contemplada com o estudo e trago a sabedoria dessas duas grandes mulheres de minha vida. O saber me atravessa.

Como aluna, tive muitas experiências, que não podem ficar guardadas em um cofre, ou apenas na minha mente, pois corre-se o risco de esquecer-las e perdê-las. Para que as experiências tenham vida, elas precisam ser guardadas nos escritos e publicadas para que outros possam conhecer e trocar experiências.

A escrita é a forma que tenho de contar ao mundo sobre o que vivi e vivo como professora de Educação Infantil e como aluna no Curso Normal Superior com Habilitação em Educação Infantil.

Madalena Freire, coordenadora pedagógica da graduação do Pró-Saber, criou uma metodologia que sustenta uma concepção democrática de educação que vê o professor como aquele que sabe mais, mas não sabe tudo. Ele centraliza sua ação em alguns momentos, mas descentraliza para mediar as trocas do grupo. Na concepção democrática existe o processo e o produto. O

professor é um leitor, pesquisador, que lê a realidade de seus alunos e de si próprio, interpretando e buscando significado. Ele observa as demandas, as necessidades do grupo e dos individuais, ouvindo e coordenando. Ele avalia e cria possibilidades para que os alunos ampliem os conhecimentos. A função do professor democrático é de assumir-se como modelo. O professor é um eterno estudante.

O registro reflexivo é um dos instrumentos metodológicos propostos por Madalena e vivenciados nessa formação. Ele é feito diariamente nas aulas. De acordo com a autora: “A avaliação, observação, planejamento, registro reflexivo cotidiano fazem parte do dia-a-dia do educador (professor ou coordenador) na construção dessa disciplina”. (FREIRE, 2008, p. 37).

Os instrumentos metodológicos são a base para que a aprendizagem aconteça no dia-a-dia. Ao planejar, pensamos em possibilidades e a observação e o registro reflexivo são instrumentos para revisitar a aula e os conteúdos, refletir sobre o que aconteceu e o que nos atravessou. Diante de todo processo de estudo, aprendi muito sobre os instrumentos metodológicos e a sua importância. Atualmente, sinto que não é mais possível me manter distante dos mesmos, pois são eles que possibilitam a minha reflexão.

Numa concepção democrática de educação, o registro reflexivo é meu ponto de apoio para revisitar a aula. A observação e o registro estão interligados, pois, durante a observação, necessitamos de atenção, concentração e olhar atento. A avaliação nos mostra como o aprendizado aconteceu coletivamente e sobre o sentido da presença presente. O planejamento é uma hipótese do que pode acontecer, é flexível e pode mudar a qualquer momento da aula, pois nasce a partir da avaliação da aula anterior, mas lida com o inédito de cada encontro.

1.1 Sobre o registro

Madalena Freire (2008), coordenadora pedagógica da graduação, aposta na escrita como arma de luta, de tomada de consciência sobre a teoria que praticamos:

No processo de formação de educadores entendo ser de extrema importância o desenvolvimento do registro enquanto ação sistemática no ritual do educador. Nesse sentido, a proposta do curso de formação estrutura-se de forma a propiciar esse exercício, primeiramente, através da escrita sobre a aula, da sua síntese que exige o exercício do registro

em dois momentos distintos: primeiro, no ato mesmo da aula e depois, já distanciada dela. (FREIRE, 2008, p. 59).

É através do registro escrito sobre tudo isso, que posso contar aos outros os desafios, os acertos, os erros e as reflexões. Posso narrar a transformação que vivi após passar por essa metodologia de ensino e pelas muitas leituras que alargaram meus conhecimentos. Os textos lidos, refletidos, as falas de quem vive na prática com a Educação Infantil, e as trocas de saberes dentro do grupo, podem ser assim revividos e analisados. O que é escrito e publicado não se perde com o tempo.

Toda escrita é documento. Isso fica atestado nas leituras que fizemos de obras literárias como as de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, e Bartolomeu Campos de Queirós, Lygia Bojunga ou de fragmentos de livros acadêmicos como os de Madalena Freire, Paulo Freire, Maria Cecília Almeida e Silva, Tomás Prado, Cristina Laclette Porto, Denise Sampaio Gusmão, António Nóvoa, Alexandra Pena, Sonia Kramer, Renata Sieiro, Daniel Munduruku e tantos outros. Eles foram fundamentais para ampliar meus conhecimentos, me transportar e inspirar. Tivemos ainda encontros com escritores como Otávio Júnior, Lúcia Moraes e Igor Gonçalves e com textos produzidos por nossos professores. Estes e muitos outros não citados aqui, tornaram-se inspiração para minha vida.

Um dos livros que me marcou foi “Olhos D’Água”, de Conceição Evaristo, que traz histórias enigmáticas. Durante a leitura, a sensação de que a história era real foi muito forte. Era como se estivesse visualizando o acontecido passo a passo.

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho (EVARISTO, 2016. p. 20).

Maria Cecília Almeida e Silva (2013, p. 11), idealizadora e reitora do Pró-Saber, aposta na ousadia de considerar o conhecimento e a imaginação como alicerces de uma nova arquitetura educacional. Ela fala da ousadia de sair do ponto de estagnação e transformar sonhos em realidade, transformação e construção de uma nova base para a educação.

Penso que a arte anda junto com a educação pois é um processo de construção do conhecimento e descobertas. A estética é investigação e concretização, é momento de transformação.

Quando Conceição Evaristo se refere aos bagos de arroz, que ficam presos embaixo das unhas, penso que a leitura é isso, é o que nos atravessa. Ela evidencia que a fome não é somente biológica, de comida que alimenta o corpo e sacia o estômago, e sim filosófica, de conhecimentos. Ler é uma das formas que temos de nos alimentar, alimentar o intelecto, a imaginação, a criação. A leitura faz com que a pessoa faça viagens sem nem sequer sair do lugar. Pessoas que lêem refletem, criam possibilidades, têm seu próprio mundo, onde podem ter e ser o que quiserem.

Eu, neste momento em que escrevo e reflito, sou alimentada pelo conhecimento, pela busca, pela leitura e pela escrita. Quando abro o baú de minhas origens, encontro o ouro que sou, eu com a minha cultura. Isso me faz ser única no universo.

A monografia é um documento; é o registro escrito sobre a prática, que traz reflexões importantes sobre mim, sobre o grupo, professores, autores e indicações de leitura. É o registro feito a partir do que foi praticado e vivido como professora e como aluna. Penso como Madalena Freire (2008):

Somos sujeitos porque desejamos, sonhamos, imaginamos e criamos na busca permanentemente da alegria, da esperança, do fortalecimento da liberdade, de uma sociedade mais justa, da felicidade a que todos temos direito. (FREIRE, 2008, p. 34).

O curso é organizado a partir de uma profunda reflexão sobre as Diretrizes Curriculares Conceituais que embasam a concepção pedagógica do ISEPS e as ideias de Madalena Freire sobre o processo de formação de educadores. (PRÓ-SABER, 2013, p.13).

O primeiro ano de formação é especial e fundamental para o sujeito pensante, quando é feito o resgate do ser profissional e pessoal. Fazemos uma volta ao passado e olhamos para dentro de nós, buscamos nas nossas lembranças a nossa essência, a nossa história e passamos a compreender quem somos ao entrarmos em contato com nossas origens e nossa cultura. Vimos a importância do lugar de onde viemos, olhamos através das brechas e nos tornamos autores de nossa própria história.

Madalena Freire (2008, p. 43) sinaliza que, assim, nós nos percebemos como fazedores de história e que “marcados pelo nosso inacabamento e finitude” passamos a ser donos de nosso destino pedagógico, profissional.

Desde o início, vamos fazendo esse movimento até parar para revê-lo e registrá-lo na monografia, sendo que, no segundo ano, aprofundamos nosso conhecimento com os teóricos da educação e suas teorias, e fazemos uma reflexão sobre a nossa prática pedagógica e a teoria que praticamos. Inicia-se um processo de muito estudo e então entramos em conflito entre a prática e teoria. No terceiro ano, o processo de pesquisa e estudo dos teóricos continua e amplia os conceitos, é de muito aprofundamento, pois em cada disciplina somos levados a referenciar o que nos marcou em uma aula, um professor ou um teórico, o que nos faz remeter ao primeiro e ao segundo anos, quando trazemos as nossas memórias. Ao final do curso já nos reconhecemos como observadores, refletimos com mais segurança sobre nossa prática pedagógica, registramos e avaliamos, fazendo uma ponte entre a prática e a teoria. Somos autores de nossa própria história.

No ano de conclusão, baseados nas teorias e práticas, chega-se à escrita da monografia. É o momento de aprofundamento no estudo e de muitas pesquisas, é hora de mergulhar em si e sair de si, trazendo para a escrita todas as experiências vividas. Todos nós somos acompanhados por um orientador que auxilia no processo da escrita monográfica, provoca novos questionamentos e aprofundamentos, o que gera uma demanda de mais estudo e pesquisa.

Todo o processo é refletido e avaliado, é um movimento às vezes linear, às vezes vertical. A prática e a teoria estão presentes o tempo todo, na escrita reflexiva de todas as aulas, no olhar atento e no planejamento das atividades, sempre levando o aluno a uma preparação para o que vai ser abordado.

A monografia é a concretização desse projeto e vai guardar a busca e a realização desse sonho. E para isso, as disciplinas de Metodologia de Pesquisa e Prática Metodológica de pesquisa, que fazem parte do currículo do terceiro ano do curso, contribuíram integralmente para nos mostrar os caminhos que devemos seguir na pesquisa, que podem nos proporcionar uma tomada de consciência sobre o processo vivido, nos mostrando que

documentos são necessários para auxiliar a escrita da Monografia. Nossas professoras foram a Cris Porto e a Maria Delcina Feitosa.

No último semestre, passamos por um processo de escavação em subgrupos. Em um dos encontros, uma imagem apresentada me chamou a atenção ao trazer mãos que tecem um bordado.

Fig. 04 – Tecendo saberes



Obra de Anja Rozen¹

Comparo essa imagem com o meu processo de escrita e escavação. As construções no grupo nos permitiram nos aproximar de nossas escritas através das lembranças coletivas e, com elas, costuramos os conteúdos no grupo.

Me reuni com Marília, Evanita, Laira, Cácia, Ianca, Vanessa e Ana Beatriz. Durante 3 aulas, mergulhamos coletivamente nos 3 anos e foi muito interessante, pois as memórias voltavam e as visitas aos registros nos cadernos e nas aulas, que ainda estavam arquivados no celular ou no drive do computador, somavam-se às falas de cada um e revelavam nossos tesouros escondidos.

¹ Essa menina eslovena de 13 anos ganhou o concurso de 2022-2023, promovido pelo Lions Club. Os participantes tinham que criar pôsteres sobre a paz, inspirando o mundo por meio da arte e da criatividade. Mais informações no site: <https://www.lionsclubs.org/pt/start-our-approach/youth/peace-poster>. Acesso em 09 maio 2022.

Fig. 05 – Escavando as memórias



Foto tirada por Joana D’Arc; Pró-Saber, maio de 2022.

A atividade em subgrupo foi um resgate pessoal e coletivo, um mergulho em nós mesmos, fazendo emergir fatos acontecidos, que estavam guardados em uma caixinha, e através de uma palavra, uma fotografia, um cheiro, a folha de um livro, um registro no caderno se apresentaram como disparadores. Fizemos trocas e compartilhamos os saberes. A fala do outro foi importante, pois nos encontramos nas nossas diferenças.

No trabalho em subgrupo, o educador tem a possibilidade de observar e constatar a circulação dos saberes entre iguais que é diferente da forma como se dá no grupo maior, e ao mesmo tempo, observar “o jogo de professora”, que revela as hipóteses (dentro do processo de formação) em que cada educando se encontra. (FREIRE, 2008, p. 115).

Mas por que nossas histórias de vida e formação importariam? António Nóvoa, importante autor português, aposta que “o estudo das histórias de vida aparece como ferramenta para identificar como se constroem, no interior da ação educativa, os saberes do cotidiano escolar”. (NÓVOA *apud* FERRARI, 2008).

2 ENFRENTANDO OS MEDOS

A formação começa com o enfrentamento de alguns medos. Foi muito importante lembrar minha infância e minha vida escolar. A partir da leitura do texto MEDO de Madalena Freire, abri uma caixinha de memórias.

Medo de se envolver, de arriscar-se, de falar, de ousar, de se mostrar?
 Medo de se comprometer, de não mais poder recuar, saltar, voltar atrás?
 Medo de se mostrar no que cada um é, no seu limite, nas suas faltas, na sua ignorância?
 – Medo?
 – Medo. (FREIRE, 2008, p. 62)

Na disciplina de Instrumentos Metodológicos, com a professora Priscila Almeida, na aula do dia 4 de setembro de 2019, falei de quem me alfabetizou e como me alfabetizou e lemos o texto “O velho e o novo no processo de aprendizagem”, onde Madalena Freire (2008) diz que:

Sem o velho não se constrói o novo. Jogar fora o velho, para ficar só com o novo, não é assumir o novo, é tentar resolver falsamente essa ansiedade. É fugir do processo de construção da mudança para apropriação do novo. Pois assumir o novo é assumir o novo significado, construindo, estruturando, uma opção onde um dia poderei constatar por que o velho não mais me instrumentaliza. (FREIRE, M. 2008, p. 80).

Este foi um processo doloroso para muitos que não queriam revisitar o passado e preferiam manter a sua caixinha de memórias trancada. Mas este era um medo que não me paralisava e, no Pró-Saber, eu adquiri confiança para me expor. O passado não pode ser mudado, mas o futuro pode tomar outra direção a partir de nossas decisões. E eu tomei a minha, de não guardar estas coisas. Isso me fez perceber que eu poderia ser diferente e hoje eu tenho certeza de que fiz a coisa certa.

2.1 Constatações e reconstruções

Não tenho muitas fotografias do passado, pois, no meu tempo e no meu contexto, o acesso não era muito fácil. Mas sei que posso cavar o que de mais recente possuo e traçar uma linha para a lembrança, pois, tenho variados tipos de registro. Como diz Madalena Freire (2008):

Mediados pelo registro, deixamos nossas marcas no mundo. Há muitos tipos de registro, em linguagens verbais e não verbais. Todas

elas, quando socializadas, historicam a existência social do indivíduo (FREIRE, 2008, p. 54).

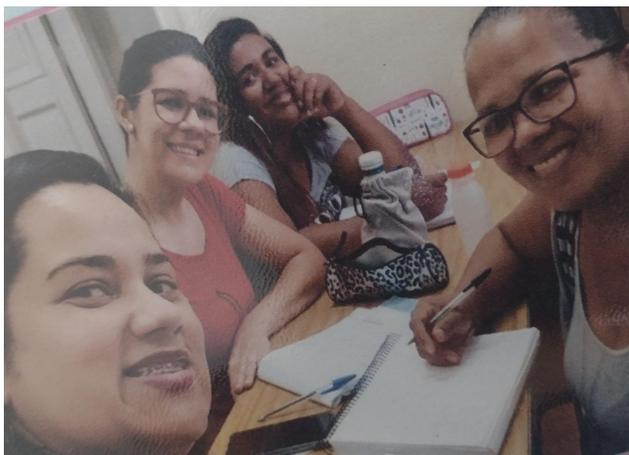
No curso, o registro está presente desde o processo de seleção para entrada no curso, pois um Memorial foi um dos documentos que tínhamos que ter em mãos. Depois, como aluna, passamos a fazer sínteses diárias sobre cada aula. Nelas, o conteúdo, as falas do grupo e o nosso aprendizado individual eram descritos. Também éramos incentivados a fazer registros temáticos. Portanto, desde o primeiro dia de aula no Pró-Saber, venho aprendendo a registrar meus conhecimentos e dúvidas, por meio das sínteses. Ao longo dos anos acabei construindo um belo acervo!

Fui me debruçando, aos poucos, sobre os textos, livros indicados e lidos como orientadores e alargadores de conteúdos; os vídeos que trazem reportagens, documentários; as entrevistas; as músicas, epígrafes e registros no caderno feitos a cada aula com as contribuições do grupo. Tudo que foi registrado fica marcado como sendo documento, assim como recortes de jornais, textos informativos, entre outros. Com as fotografias, podemos representar momentos inesperados que vivemos em grupo.

Com o mergulho no primeiro ano (2019.2 a 2020.1), rememoramos fatos, lembramos sobre o que aconteceu e vimos que temos muitas histórias e memórias deste período. Vimos também que juntos somos mais fortes e podemos lembrar do Dia da inscrição para o processo seletivo, dia da prova, entrevista, palavras, professoras, disciplinas e principais acontecimentos que nos marcaram como a aula inaugural e a confecção dos caderno com a história de nossos nomes.

Uma pesquisa solicitada como atividade da Oficina de Leitura e Escrita I, com a professora Liana Castro, cujo objetivo era visitar uma biblioteca, provocou que meu grupo, formado por Marília, Evanita, Jaciara e Geisa, conhecesse, no dia 5 de setembro de 2019, a Biblioteca Machado de Assis, em Botafogo. Vimos que temos muitas histórias e memórias deste período, vimos também que juntos somos mais fortes e que lembrar de palavras, professoras, disciplinas e principais acontecimentos que nos marcaram, nos ajudaria nessa reflexão sobre a nossa formação.

Fig. 06 – Fazendo pesquisa



Fotografias tiradas por Jaciara Tavares

Fig. 07 – Banco da leitura



Tudo intenso e muito interessante, até que em 12 de março de 2020, antes mesmo dos governos decretarem as medidas de segurança e prevenção ao contágio de COVID-19, recebemos a notícia de que faríamos uma pausa, para evitar contágio.

Vivemos um momento de muitas incertezas, quando ainda não tínhamos respostas sobre o retorno às atividades. Pensamos que a interrupção seria por pouco tempo, mas a pandemia foi se estendendo. Tivemos que pensar sobre possibilidades de reinvenção como educador e como educandos e começamos a receber as orientações de como faríamos para prosseguir.

2.2 Uma pandemia no meio do caminho

No início de 2020, nós e o mundo inteiro fomos afetados pela pandemia provocada pela Covid-19 e o distanciamento social foi obrigatório. Tivemos, portanto, pouco tempo de aulas presenciais. Ainda não nos conhecíamos direito e usávamos crachás para identificar os colegas. Tivemos que aguardar notícias de como ficariam as coisas. O tempo foi passando e a situação só piorava. O mundo estava em colapso por conta de um vírus que ninguém conhecia, o medo tomava conta do povo e o que ouvíamos não eram notícias boas.

Fui uma das pessoas contaminadas pelo vírus, em um momento em que a ciência não sabia como tratar a doença. Não havia vacinas ainda. Os profissionais de saúde não sabiam o que nem como fazer, mas estavam na linha de frente, dando o seu melhor para a população assustada. Os meios de

comunicação não falavam de outra coisa, apenas mostravam as curvas com os números de mortes e contaminados, que só crescia. Com essa experiência, descobri a importância de estarmos perto uns dos outros.

Uma luz de candeeiro começou a ser acesa, quando Cláudia Sabino iniciou uma pesquisa no grupo de *WhatsApp* sobre nosso acesso à internet e sobre nossos telefones, que ganharam uma importância absurda, pois passaram a ser companheiros fundamentais na vida de todos. Ela quis saber quem tinha acesso ao computador e fez os primeiros contatos. Nesta pausa, o comitê acadêmico, formado pelos professores, com a supervisão de Madalena Freire, viu que o “inédito era viável”² e que havia possibilidades das aulas acontecerem durante o isolamento social. A luz do candeeiro, mesmo diante da fragilidade do contexto, foi ficando mais forte, pois já tínhamos respostas e já havia uma comunicação pelos grupos. No início de abril de 2020, reiniciamos as aulas pelo *WhatsApp*.

Nesse ambiente virtual, houve uma fusão de espaço público e espaço privado, com faculdade/trabalho/família misturados. Durante a escavação, falamos de como foi difícil equilibrar este momento em casa. A escolha que fizemos foi estudar e alargar os conhecimentos. O ato de estudar foi reinventado e os sonhos foram se tornando realidade novamente. Todos tiveram que se adaptar à nova situação, ouvindo áudios dos professores, identificando a voz do colega, acompanhando as escritas no grupo de *Whatsapp*, que aconteciam em um ritmo frenético. Cada aula era uma experiência para os professores e para os alunos.

Ao dar continuidade às aulas, a equipe do Pró-Saber me ensinou sobre valores, respeito, necessidade de convivência em grupo, sobre ser capaz. Eu estava dentro da minha casa, isolada da minha família e mesmo assim mantive o ritmo de estudo durante as aulas. Escrevi numa de minhas sínteses:

“[...] Voltando para as aulas presenciais retomamos o ritmo, e eu retomo lenta, parece que estou na posição de observadora, ouvindo os outros e fazendo minhas anotações, e por isso eu ainda estou aqui, o que foi lançado no universo está se multiplicando. Eu estou aqui de novo, o que era uma possibilidade hoje é realidade, faço parte do processo.[...] (SILVA, Evanita dos Santos. **Trecho da síntese da Alfabetização Cultural VI**, 15 março de 2022).

² O INÉDITO é viável? Formação de professores de educação infantil na pandemia. Instituto Superior de Educação - Pró-Saber. Organização: ARAÚJO, Clara, PORTO, Cristina Laclette; FLORA, Isis; GARCIA, Liana. Coordenação: Madalena Freire. Rio de Janeiro; Pró-Saber, 2021.

O que mais poderia ser feito para amenizar a distância? Uma das formas encontradas foi provocar que escrevêssemos cartas entre nós. Foi então que a professora Liana Castro enviou a proposta ao grupo, fiquei um bom tempo pensando nas palavras que escreveria para uma pessoa que também se encontrava em isolamento social. Tomei coragem e comecei a escrever para a colega Cristiane Sales. Segue um pequeno trecho do que escrevi a ela:

Quero que você seja sempre essa pessoa incrível que eu conheci e que os nós que entrelaçamos seja repleto de realizações, pois ninguém mais do que você conhece o seu potencial. Às vezes um nó aperta e é visível o tamanho do “**acho que não vou conseguir**”, mas pense que é hora de parar por um instante e pensar em como desatar esse nó, quem são as pessoas que podem ser sua ouvinte, e quem sabe até acender uma chama, iluminar uma ideia (SILVA, 2020).

2.3 Nós desatados

As experiências que nos atravessaram neste período ficaram e escolhi algumas passagens mais significativas para mim, para mostrar como as questões foram sendo enfrentadas.

A formação do grupo, quando passamos a ouvir os colegas socializando suas escritas, foi lembrada como fundamental. Começamos a estreitar os laços mesmo à distância e isso nos fortaleceu. A professora Heloisa Protásio foi muito firme ao abordar sobre a formação de grupo e como cada um se apresentava. Lembro dos slides de fundo azul com as explicações.

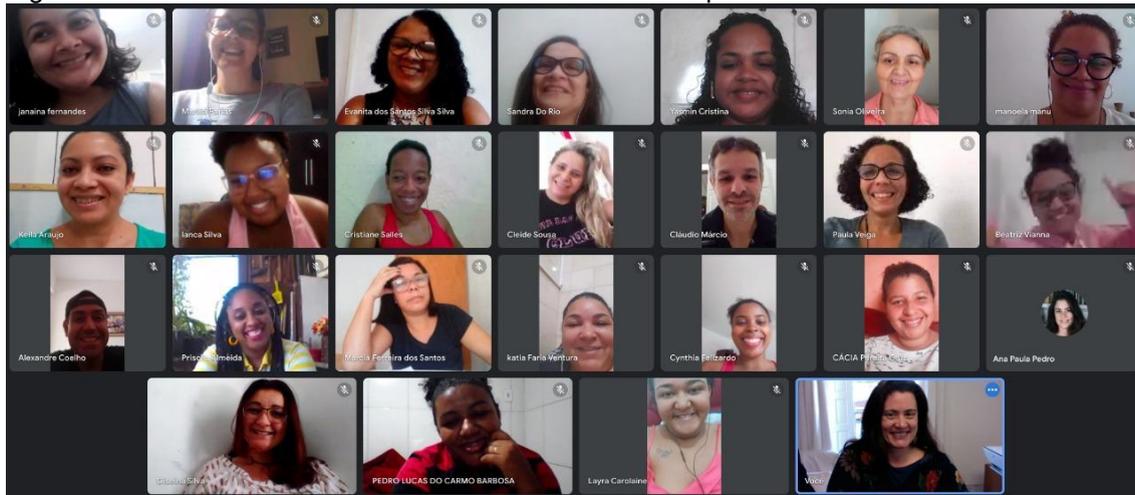
Melissa nos levou virtualmente a pontos turísticos nunca imaginados por nós, e falamos de como nosso olhar foi transformado e sensibilizado por cada professor.

Um dos exemplos que cito aqui é o documentário da Bel Noronha, sobre o monumento do Cristo Redentor. Fui invadida por uma chuva de informações, que me levaram a refletir sobre acontecimentos marcantes como a construção que marcou a época por ter sido feita com doações da população carioca. O projeto sofreu várias modificações até chegar ao atual. Todo material utilizado chegou no alto do morro através de um trenzinho. Saber que o Cristo Redentor tem a mesma estrutura de um prédio, mas em formato de pessoa, me deixou

pensativa, pois nunca havia pensado dessa forma. Uma grande estrutura com peças para serem montadas como a cabeça que tem cinquenta peças.

Ao contrário do que muitos pensam sobre a origem do Cristo Redentor, ele é carioca, é brasileiro e nasceu do desejo de um povo para marcar a data comemorativa do centenário de Independência Política da cidade e, em 7 de julho de 2007, foi eleito uma das Sete Maravilhas do Mundo.

Fig. 08 – O conhecimento também acontecia aos sábados pela manhã.



Print da turma 2019 em aula pelo Google Meet

No ano de 2021, as aulas passaram do *WhatsApp* para o *Google Meet* e seguiram remotamente. Na Atividade Complementar, a brincadeira musical do Toque Patoque, que havia se transformado em nosso código com a professora Ana Paula Pedro, voltou. Mesmo estando longe fisicamente, Ana Paula Pedro ousou e provocou o grupo, ao convocar a turma para fazer o Toque Patoque nas manhãs de sábado.

Liana levou o livro infanto-juvenil "Da minha janela", escrito por Otávio Júnior, que traz o olhar atento e explorador. Ao abrir a janela, o narrador se depara com uma série de acontecimentos ao alcance de sua visão e começa a prestar atenção nos detalhes que o cercam.

Fig. 09 – Capa do livro Da minha janela

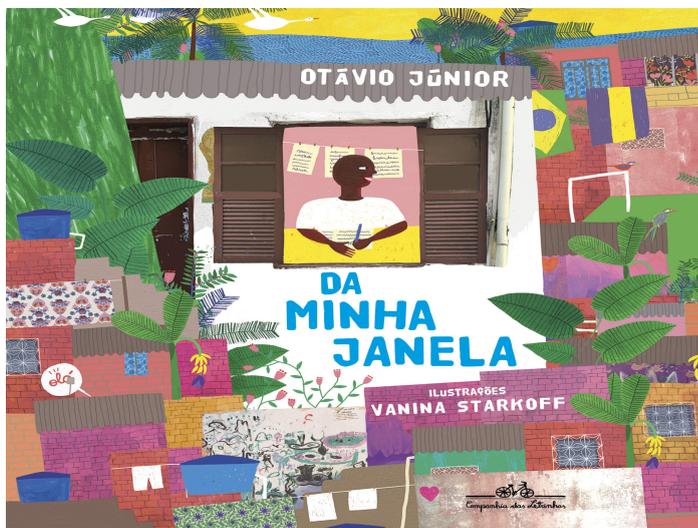


Imagem capturada do site da Companhia das Letrinhas³

Olhar da minha janela também me trouxe um novo olhar, me possibilitou sonhar e acreditar que, mesmo estando em isolamento social por conta da pandemia de COVID-19, ao abrir minha janela eu também veria uma casa amarela, árvores, o céu, as estrelas, e ouvir os sons e teria a vida. Fui provocada a escrever e fotografar todos os dias, olhando da minha janela e ressignificando o que encontrava.

Não tenho mais os registros, pois foram armazenados no telefone celular e acabei perdendo parte do meu acervo. E aí está um paradoxo dos nossos tempos: a tecnologia ajudou naquele momento, mas o espaço insuficiente para guardar tantos documentos me fez perder as fotografias.

A tecnologia foi minha aliada durante as aulas pelo WhatsApp e pelo Meet, as plataformas me aproximaram e me auxiliaram durante as aulas, compartilhei fotos, vídeos, áudios e as escritas, mas nem tudo é perfeito, durante as aulas meu telefone não deu conta e quebrou, meu e-mail ficou muito cheio, não dando conta da demanda; precisei trocar de telefone e os arquivos das aulas se perderam, mas, aqui na minha memória, ficaram marcas de tudo que foi vivenciado. Aprendi a olhar para dentro de mim, pois, assim como o personagem de Graciliano Ramos, Alexandre, analisado por Tomás

³ Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=05985>. Acesso em: 12 jun. 2022.

Prado (2008, p. 89): “Há um olho que é melhor que o outro”. As fotografias, os arquivos, podem se perder, rasgar ou ficar sem cor, mas o que foi visto, fica guardado no imaginário e, a qualquer sinal, podem ser revisitados.

As fotografias salvas, os registros escritos nos cadernos e as memórias, formam um túnel, que ligam um tempo ao outro. Dentro dele, a passagem é feita através das lembranças, daquele “descaroçar” sobre o qual falei na introdução. Não precisam estar numa ordem cronológica. Cada um descaroça e acessa de formas diferentes. Mas por que essas memórias deveriam ser escritas e tornadas acessíveis a outras pessoas?

Uma pista para responder essa questão está no próximo capítulo.

3 ENTRE GUARDAR E PUBLICAR

Numa das aulas de Metodologia de Desenvolvimento de Pesquisa, com a professora Cris Porto, falamos sobre o livro "A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha"⁴. No livro, em forma de autobiografia, a autora fala de sua infância na casa da avó e conta como começou a se corresponder com o primo, que estava exilado. Ela mostra as cartas escritas pelo educador, tornando-as públicas.

Fiquei pensando que, num primeiro momento, o ato de guardar é importante para nós como sinal de que valorizamos as lembranças que temos das pessoas que amamos. Depois, no entanto, é necessário contar ao mundo os fatos acontecidos que consideramos importantes. Essa é uma forma de comunicar para as próximas gerações, no presente, o que aconteceu no passado e deixou marcas. Esse encontro entre o passado e o presente fica para as gerações futuras, que precisam saber o que aconteceu e marcou o tempo e aprender a fazer o mesmo com suas vidas. Os registros escritos ou fotografados nos permitem reconstruir e apresentar o que não queremos que seja esquecido.

No que diz respeito às cartas, é sempre muito interessante pensar em como a correspondência entre pessoas pode marcar vidas. Já mencionei a carta que escrevi para minha colega em meio à pandemia e como foi bom. São momentos em que escolhemos as palavras, paramos e nos dedicamos à escrita, pensando no outro. Foi assim também com Paulo Freire e sua prima Nathercinha. A menina, embora só tivesse 9 anos, ficou curiosa a respeito da viagem inesperada do primo. A troca de correspondências nasceu quando Nathercinha ouviu dizer que ele foi para um país que tinha, montanhas e neve, e se concretizou quando o desejo de se comunicar com ele foi apoiado pela mãe. O distanciamento foi minimizado pelas cartas trocadas. Para Paulo Freire foram momentos de dedicação à escrita para manter contato e se comunicar com uma criança sobre outra realidade, despertando a vontade dela de conhecer e vivenciar coisas novas.

⁴ LACERDA, Nathercia. A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha. Rio de Janeiro: Editora ZIT, 2016. Ilustrações de Bruna Assis Brasil e pesquisa de Cristina Lactette Porto e Denise Sampaio Gusmão.

Quando ouvi os primeiros relatos sobre as cartas de Paulo Freire à Nathercinha, me bateu um sentimento de nostalgia, pois lembrei de anos atrás, quando eu lia e escrevia cartas para as pessoas do lugar em que eu morava, na zona rural, na comunidade da Fazenda Mangabeira. Eu achava que fazia isso apenas pelo fato de ser uma menina que sabia ler. Entendia que escrever aquelas cartas era um serviço que prestava à minha comunidade, mas não dava muita importância. Com as aulas, descobri que

tais lembranças necessitam ser faladas, escritas, lidas, assumidas, afirmadas, escutadas, para poderem assim ganhar status de memória, serem lapidadas. Elas habitam individualmente, mas seu nascimento, há muito, aconteceu no coletivo. Quando socializadas, podem assim, serem refletidas e criticadas. (FREIRE, 2008, p.42).

Hoje reconheço o quão valioso era aquele gesto para aquelas pessoas e como eu participava ativamente do processo. Foram muitas as experiências que a vida me proporcionou. Antes, eu me via como alguém que nasceu na roça e tinha uma vida de menina do interior. Mas eu já estudava e tinha o incentivo de meus pais, minha avó e minha tia, que morava ao lado de minha casa. Dois pés de abacates dividiam um terreiro (quintal) do outro. Não íamos para a cama sem antes pedir a benção aos mais velhos.

Reconheço agora que junto aos meus três irmãos mais novos, minha mãe, meu pai, minha avó paterna e minha tia que eu, nascida distante da cidade, tive uma vida muito simples, porém cheia de aventuras.

Eu não pensava no que queria ser quando crescesse, apenas estudava num prédio de cor branca e azul, que não tinha divisão de sala ou coisa do tipo. Minha mãe me levava para a escola, segurando minha mão. Minha primeira professora se chamava Anita e era filha de uma grande amiga da família. Eu gostava da merenda, mas não lembro o que estudava, sempre foi tudo muito natural e simples.

Quando tinha 11 anos, fui morar na cidade, na casa da madrinha de meus pais e entrei na escola, numa série que não condizia com a idade. Ainda neste período, da primeira até a quarta série, eu ainda não pensava no que queria ser. Da quinta até a oitava série também não recorde de desejo nenhum por uma profissão, pois não tínhamos essa conversa na escola. Mas lembro que amava as aulas de Biologia e penso que ali foi plantada uma semente, pois do primeiro ao terceiro anos do segundo grau, eu ainda era apaixonada por

Biologia, o que gerou um desejo pela Psicologia. Mas como estudar sem recurso?

Me formei então no Magistério com habilitação para atuar da primeira à quarta série. Eu já gostava de trabalhar com crianças e foram três anos de estudos direcionados a isso.

No dia da minha formatura, eu era a pessoa magrinha, que cantou o Hino Nacional com meu colega Antônio César. Finalizando a cerimônia, parti para casa acompanhada de meus pais e irmãos. Ao passarmos pela porta da Delegacia de Polícia, meu pai falou: “Agora você vai estudar para ser Advogada”, mas eu respondi que não queria, pois não gostava daquela profissão.

O desejo de estudar sempre foi muito presente na minha vida, mas eu ainda era a primeira pessoa da família a se formar, coisa rara para uma pessoa que nascia na zona rural (roça).

Anos depois, prestei o vestibular para Biologia com segunda opção para Matemática. O vestibular era amplamente concorrido e eram apenas quarenta vagas por curso (Biologia e Matemática). Fui classificada em quadragésimo terceiro lugar, fiquei para a segunda chamada, mas apenas dois candidatos entraram.

Na época, lia muitos livros em curto espaço de tempo. Não tinha celular nem computador, então, o tempo era totalmente para a leitura que fazia na Biblioteca Padre Miguel Gamarra ou em casa. Trabalhei como professora substituta por um ano e também costumava cobrir as faltas de uma colega quando ela precisava. Meu coração batia forte pela Psicologia, mas a professora foi nascendo assim.

Atualmente, sou professora de Educação Infantil, mãe e esposa. Moro no Complexo do Alemão e trabalho em uma instituição sem fins lucrativos. Fiquei ligada à Educação Infantil, desde que tive contato com essa área. Eu trabalhava em uma casa de família e a Sra. Eulina nutria o desejo de criar um espaço para acolher crianças da periferia da cidade onde eu morava, em Antônio Gonçalves, no interior da capital baiana, Salvador.

Na cidade, existe um bairro chamado Buriá, que é habitado por pessoas de baixa renda, onde foi fundada a cidade de Antônio Gonçalves, que já teve outros nomes, sendo Pau Ferro um deles.

As famílias que lá residem são compostas de trabalhadores da área da agricultura; plantam verduras. Uma parte é muito carente e seus filhos costumavam ficar em casa por conta dos irmãos maiores ou ir para a roça com os pais.

Dona Eulina, mais conhecida como Nininha, fez a compra de uma pequena casa no bairro Pau Ferro. Não tinha estrutura, mas foi assim que iniciamos os trabalhos com as primeiras crianças. Lá elas tinham um lugar para ficar e se alimentar.

Depois, as freiras da Congregação das Missionárias da Imaculada chegaram na cidade e, vendo o projeto, iniciaram também os atendimentos. As irmãs visitavam as famílias, as crianças, as hortas e desenvolviam trabalhos com grupos na igreja do Bairro Igreja de Santo Antônio, uma das mais antigas da cidade.

Durante os acompanhamentos, era possível ver crianças com muita verminose por conta do trabalho dos pais e ainda pelo histórico da água contaminada do rio Água Branca, que vem da cidade vizinha, Campo Formoso. Esse local tem no seu histórico os dejetos da fábrica de cimento, o esgoto da cidade e ainda resíduos do hospital da cidade (Hospital São Francisco). Essas são as histórias contadas pela população de Antônio Gonçalves.

Dentre tantas dificuldades e pobreza das pessoas, foi descoberto que uma de nossas crianças necessitava de uma atenção especial, pois tinha dois sexos. As irmãs (freiras da Congregação Missionárias da Imaculada Conceição) iniciaram um trabalho minucioso de acompanhamento e fizeram viagens para São Paulo com a criança, até sua real definição e cirurgia de correção. Era uma menino.

Depois de algum tempo, já com as irmãs, foram feitos contatos com a Fundação Dr. Marcello Cândia, da Itália. Mediadas as conversas, surgiu então a primeira visita e, em seguida, a aprovação do projeto para compra de uma chácara no então bairro Pau Ferro, no centro da parte mais necessitada de Buriá.

Deu-se início então à construção, da qual participei efetivamente com Dona Nininha, sempre na obra, nas reuniões com os grupos, até que tudo fosse concluído.

Em seguida, foi feita a compra de mobiliário e por fim a contratação de funcionárias, chamadas como voluntárias, pois, por ser uma obra social, o salário era baixo. O mais importante era o amor e cuidado com as crianças.

A creche iniciou com as turmas de Berçário 1, Berçário 2, Maternal 1 e Maternal 2, e as turmas de Primeiro, Segundo e Terceiro Períodos em horário integral.

Em paralelo, fazíamos atendimentos junto às famílias, com fornecimento de alimentos, junto à equipe de saúde alternativa do Recanto Dr. Marcello Cândia, com medicamentos naturais ou intermediando consultas com médico e até cirurgia de mães de alunos.

A instituição se chama Creche Lar da Infância e lá trabalhei por alguns anos até que decidi vir para o Rio de Janeiro, lugar que amava, mas não conhecia. Já tinha um irmão que morava aqui, o que facilitou a minha decisão.

Até hoje, mantenho contato com uma das pessoas da Fundação Dr. Marcello Cândia, que desenvolve um trabalho aqui no Rio de Janeiro, em creches na comunidade do Borel.

Aqui no Rio, meu primeiro contato com a Educação Infantil foi com o projeto Sal da Terra e depois com a creche que meu filho estudou. Eu estava fazendo um curso de educador de creche, em uma Ação Social da Prefeitura no Rio Comprido, enquanto meu filho estava na creche Centro Educacional Madre Josefa. Neste intervalo, trabalhei na Sociedade Sal da Terra, que atendia crianças em horário parcial (dirigida por Padre Arnaldo) enquanto trabalhava em um projeto na igreja para alfabetizar jovens e adultos da comunidade.

Logo em seguida, recebi o convite para participar da equipe do Centro Educacional Madre Josefa e, assim que finalizei o curso, logo fui contratada e lá estou há 14 anos.

Hoje após tantas reflexões que venho fazendo ao longo do curso, me sinto renovada e inspirada. A minha relação com as crianças tomou outro rumo, ao reconhecer que a rotina é pedagógica, é lugar de aprendizagem, de brincadeiras, de construção e de trocas. Não me vejo mais desempenhando outro papel a não ser este.

Fundamentar meus conhecimentos, me baseando nos teóricos, é o movimento que me move, desde que descobri que as possibilidades de aplicar

o que estudei na minha prática pedagógica são concretas e as minhas reflexões são pautadas na forma como aprendi com o grupo. Como diz Madalena Freire (2008, p. 30): “Educador que brinca e ri enquanto ensina favorece o lidar com a tensão que todo processo de aprendizagem contém”.

O meu olhar e a minha postura se transformaram, ao ampliar a minha leitura com os teóricos apresentados na disciplina de Metodologia de Pesquisa e na Prática Metodológica: Monografia. Aprendi a observar mais e ver, nas crianças, os saberes que cada uma traz. A prática e a teoria estão agora interligadas. As crianças chegam com uma bagagem, cheias de expectativas, transbordando de curiosidades e conhecimentos, que são revelados nos papéis desempenhados nas brincadeiras. Como disse Gilles Brougère (2002, p. 22-23): “As crianças quando brincam, não estão apenas entrando em contato com a cultura de uma forma geral. Quando se brinca, aprende-se, antes de tudo, a brincar, a controlar um universo simbólico particular”.

Mais do que antes, passei a observar a brincadeira como algo muito mais sério, pois o ato de brincar leva a criança para outra dimensão em que pode representar e ser quem ela quiser. A brincadeira é lugar de aprender e ampliar o pensamento criativo, fantasiar, potencializar os conhecimentos e adquirir novos. É importante que as crianças brinquem e que os adultos façam parte da brincadeira quando convidados, mas, que saibam não interferir na dinâmica estabelecida pelas crianças, a menos que seja extremamente necessário, pois:

É no grupo que aprendemos a lidar com as diferenças: diferentes ideias, concepções, opções de relacionar o próprio pensamento com o do outro, e a construir o conhecimento do grupo (generalizável) a partir do pensamento (socialização) de cada um. (FREIRE, M., 2008, p. 158).

Hoje apresento brinquedos não estruturados, que favorecem, de um lado, a imaginação das crianças e, de outro, a observação, a escuta do que dizem e faço as intervenções necessárias. Quando convidada, faço parte da brincadeira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início, o processo de elaborar a monografia parecia ser muito difícil, mas, quando reconheci que era sobre a minha bagagem, me dei conta de que era eu que tinha que mostrar ao povo o meu ouro. Fui avançando em passos lentos, porém progressivos.

Fui percebendo o quanto estava lendo em relação a tempos atrás. Não imaginava tanto! Minha mesa da sala estava repleta de material, ao ponto de me incomodar ver tudo ali. Mas, ao mesmo tempo, percebi que esse espaço era respeitado por meu filho e meu marido. Mesmo dividindo o computador com meu filho, íamos nos ajudando pois ele também se formava este ano no Ensino Médio.

Enquanto escavava minhas memórias, fui crescendo e me fortalecendo. Aprendi muito com esse processo de escrita e leitura, pois, antes, eu escolhia o livro pela capa e pelo título. O único livro que tinha na minha casa, que não era de escola, era da minha mãe. Estava com páginas soltas, mas cuidado, e o nome era “Abre a porta”, composto de orações e cânticos que minha mãe lia soletrando sílaba por sílaba. Ainda lembro de sua voz ao pronunciar as palavras.

Fig. 10

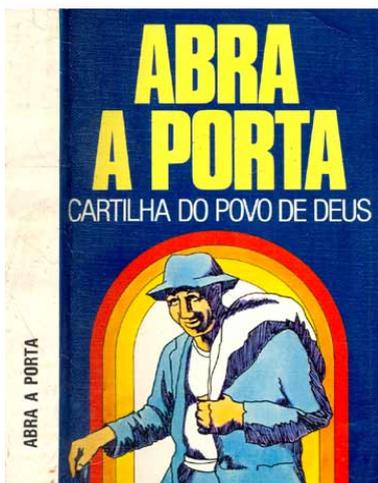


Imagem encontrada no site: <https://sebodomessias.com.br/livro/religiao/abra-a-porta.aspx>.

Fora isto, só tinha acesso aos livros didáticos recebidos na escola. Em casa, eu era a única que me dedicava aos estudos na época e não lembro de ouvir meu pai lendo.

O livro de Português era o mais lido na escola, pois toda semana havia leitura de texto. Tínhamos que ler sem errar. Se acertasse, passávamos para o próximo trecho, mas se errássemos uma palavra no meio, a professora marcava com um X e colocava a data. Nesse caso, tínhamos que reler todo o texto e, na aula seguinte, fazer uma leitura individual para a professora. Quem acabava de ler tudo primeiro, voltava para o início do livro e começava de novo. Fazíamos até competição entre nós alunos.

Depois cheguei a ler mais de um livro por mês, mas eles eram emprestados e precisavam ser devolvidos logo. Com uma amiga, Vilma, que também é minha comadre, descobri que gostávamos do escritor e roteirista norte-americano Sidney Sheldon. Em poucos dias, lemos uma coleção inteira! Outra leitura que me impressionou também foi Papillon. Papillon conta a história de um homem mandado para cumprir prisão perpétua na Guiana Francesa, condenado por um crime que não cometeu. Quando era castigado, ficava na solitária, um lugar úmido e escuro. O livro conta a história de um homem que não se deixou vencer e me fez pensar na coragem e determinação de uma pessoa que queria alcançar um objetivo. Fiz ainda muitos estudos da Bíblia Sagrada, em formação de pastorais e retiros.

Antes dessa formação no Pró-Saber, não me imaginava mergulhada em livros como os que leio atualmente. Aos poucos, fui me acostumando a esse tipo de leitura e hoje entro em sebos para pesquisar sobre livros. Que interessante o passado e o presente se encontrando com coisas que me marcaram!

Sempre soube que para escrever bem era necessário ler muito. No entanto, hoje acredito que ler muito não é ler qualquer coisa, mas me manter atualizada com fatos e leituras construtivas.

Ao fim dessa jornada, vejo como a cada aula vivenciada, fui entendendo a dinâmica do processo de construção do conhecimento e compreendendo como as trocas no grupo eram fundamentais.

Me tranquiliza muito pensar e saber que posso contar, daqui para frente, com a família Pró-Saber. Entrar para esta instituição foi um grande passo em minha vida acadêmica; fiz descobertas e, como educadora, sei que devo estar em constante movimento para lidar sempre com o novo. Para que isso aconteça, preciso pesquisar, estudar, ler, observar o que se encontra ao meu redor e ir ao encontro dos inúmeros saberes.

Meu objetivo com a elaboração dessa monografia foi valorizar meu aprendizado, as trocas e construções dentro do grupo e identificar o que desenvolvi enquanto sujeito singular, que pode compartilhar com o grupo, através de falas e escritas. Observei cada colega de turma e, durante as trocas, em todas as aulas, me inspirei em cada um/a, alargando os conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:2011** – Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. 12. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

BOSI, Eclea. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano (entrevista a Mozahir Salomão BRUCK). In: **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 196-199, nov. 2012.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. São Paulo: Pallas, 2014.

FERRARI, Márcio. António Nóvoa, o garimpador de histórias de vida. In: **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, n. 215, set. 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1666/antonionovoa-o-garimpador-de-historias-de-vida>. Acesso em: 2 ago. 2020.

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Madalena. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação**. Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014.

O INÉDITO é viável? Formação de professores de educação infantil na pandemia. Instituto Superior de Educação - Pró-Saber. Organização: ARAÚJO, Clara, PORTO, Cristina Laclette; FLORA, Isis; GARCIA, Liana. Coordenação: Madalena Freire. Rio de Janeiro; Pró-Saber, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

OTÁVIO Júnior. **Da minha janela**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

PRADO, Tomás. “O olho torto de Alexandre: ensaio sobre o alcance de uma visão maculada”. In: **Viso**: Cadernos de Estética Aplicada. Revista Eletrônica de Estética, v. 2, n. 5, p. 80-90. jul.-dez., 2008. Disponível em <http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso_5_TomasPrado.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.

NÓVOA, Antonio. A formação de professores. In: NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. Lisboa: **Universidade de Lisboa**: Repositório. UL., 1992. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/12424596>. Acesso em: 02 ago. 2020.

SILVA, Evanita Santos. **Carta escrita à Cristiane Salles** na disciplina **Oficina de Leitura e Escrita II**. Coordenada pela Professora Liana Garcia Castro. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2020 (mimeo).